

A ILLUSTRAÇÃO

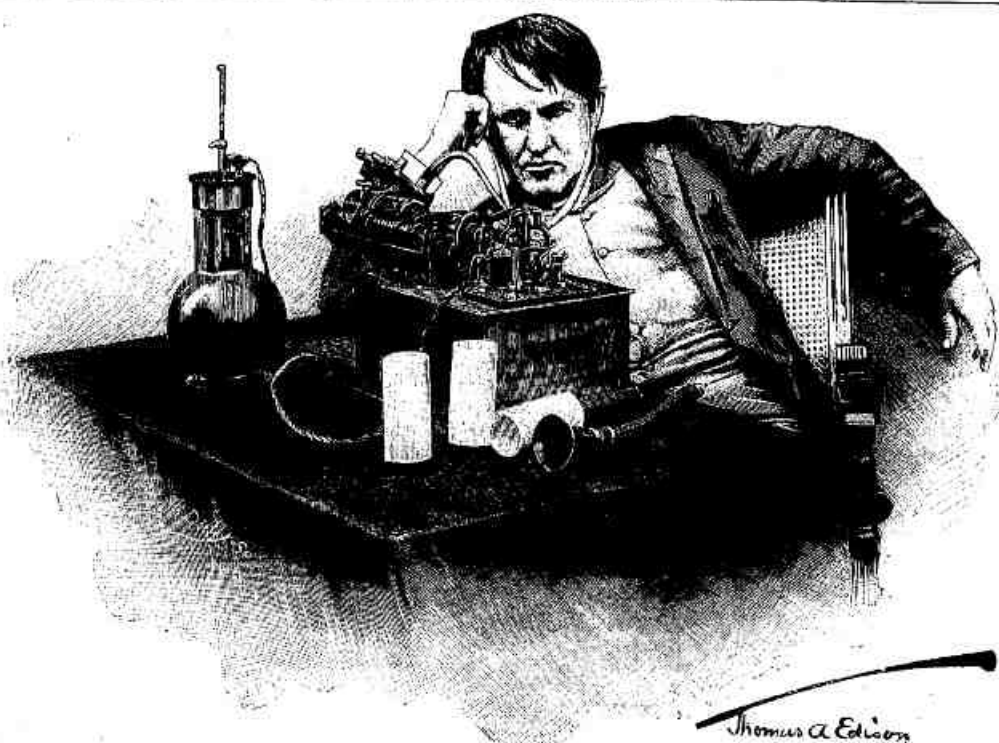
DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

N.º 17. — VOLUME VI.

PARIS 5 DE SETEMBRO DE 1889.

Escritórios : Paris, 13, Quai Voltaire.

SEXTO ANNO



OS VISITANTES DA EXPOSIÇÃO. — THOMAS EDISON, escutando o phonographo.



A CASA DE EDISON, EM LLERVELLYN PARK (NOVA-YORK).



Uma ligeira indisposição fez com que o nosso director Mariano Pina não pudesse escrever hoje a sua *Chronica quinzenta*. E' com o maior prazer offerecemos este lugar ao nosso brilhante collaborador Gues, que com tanta « verve » mostra aos nossos leitores todos os lados pittorescos da vida parisiense. **IN** N. da R.

A TRAVEZ DE PARIS

O banquete dos maias. — Um calculo perigoso. — Ignorância da banquete. — Um monarca. — Um subo em apuros. — Roulauger perigoso. — Uma sentença estranha. — Um pequeno artista. — A pleiade d'um vampiro. — O th.

UM rumor formidável de mandíbulas abrindo-se, fechando-se, domina todos os outros ruídos de Paris. Quilaxe mil queixadas de matres funcionam simultaneamente e no mesmo recinto, que espectacular! Imaginem agora Sansão, contemplando-o. Que se passaria dentro d'aquella cabana!

O que essas fauces municipaes e electivas devoraram, ouros vot-o dirão.

Não sei eu quem vos conte o numero exacto de vitellas e empalidos que se despenharam nos quinze mil sorvedouros lilihihi exteriormente cingidos pela facha tricolor. A estatística de resto já se apoderou d'este banquete sem exemplo, e é por x x e raizes cubicas que se calcula o total das vitualhas. A torre Eiffel serve de covado para medir a columna dos pratos empilhados; e a ventigem assalta-nos se nos curvamos sobre a pyramide dos garrafas vazias. Houve um farsista que tentou calcular o numero de litros ingurgitados; de repente ouviram-no soltar um grito roano, ao passo que lambuava em redor olhares desvaireados. B' que, á similhaça do heroe de Hugo, *iluka entrevisto o infinito*.

A hora alegre da festa foi a da chegada dos matres. Vinham aos grupos, entre alas de pupallos, saudados por gritos e aclamações. E sorriam contentes, correspondendo aos applausos, distribuindo barquetas, as suas boas bochechas campezinhas illuminadas de alegría. E que trajos! Cascas contemporaneas do negatherium, camisas do cabido do siler e da pedra talhada, coletes de rebuços paleontologicos! Alguns arvoravam ousadamente o chapéu de abas largas, outros o Pantanal dos dias queatas passadas na vialha, sob um soldado chumbo. Mas nem uma sombra de embaraço ou de timidez, sob os olhares zombeteiros que os seguiam — a consciencia d'uma elevada missão, d'um alto papel brilhava em todos os rostos. E cada um, ao atar o seu guardanapo d' baby, em torno do pescoco, imaginou possuir realmente em si a alma do municipio, o espirito aliado da communa, e par-tiu o seu pão lançando em roda um olhar impetuoso.

Mas não é este o unico banquete, são aos dez, aos com todos os dias, a proposito de qualquer coisa *pour rien, pour le plaisir*. Edison, que é convidado para todos elles, leva a mais triste vida d'este mundo, sem mesmo ter tempo para fazer as suas digestões. E' elle o rei do Paris, neste momento, rei por oito dias, já se sabe, com nos operas comicas. As realidades em Paris nunca duram muito mais. A de Edison pode comor-se entre as mais brilhantes. Faz-se caudo á porta do seu hotel para o ver sair. A Operu consagra-lhe uma recita de gala. A Academia de sciencias recebe-o em sessão solemne, mas a que infelizmente já não pôde assistir

aquelle bom velho, cujo nome me não occorre agora, e que no dia em que o primitivo phonographo foi apresentado á douta companhia, se aganrou ao nariz do operador, convencidissimo de que era elle que fallava com voz de ventríloquo, e não o maravilhoso instrumento. A morte já arrebatou esse excellento caturra, que faz realmente falta no triumpho actual de Edison, mas em compensação lá estava a elite intellectual de França — e foi de certo esse um momento bem doce na vida de Edison, por mais alheio que seja o seu claro e methodico espirito ás frivolas vaidades humanas.

O que é Impugnável é a phisionomia de Edison durante umas d'estas festas celebradas em sua honra. O pobre grande homem é um monoglotto sem mistura, e só em ingloz lhe é permitido communicar com o seu phonographo. Na hora critica dos brindes e dos discursos, elle bem quereria testemunhar a sua gratidão pelos louvores que advinha serem-lhe dirigidos, mas como? A palavra *Merci* parece-lhe laconico demais, e é a unica que elle sabe em francez. Não ha remedio senão recorrer ao *volapuk* de pantomima e é por meio de olhares, de sorrisos, de mãos postas sobre o coração, que elle exprime o seu profundo recontamento. Não é curioso ver um dos homens a quem mais deve o problema da transmissão do pensamento, todo embaraçado para exprimir o seu?

O cachaço eleitoral já ferve na provincia. D'hoje a um mez o brave *general* saberá definitivamente se é um heroe ou um polichinelho, questão que o preoccupa deveras e sobre a qual elle tem, como toda a gente, duvidas profundas. Que será eu, exclama elle a estas horas como o marmore da fábula, Deus, meza, ou bacia da cara? Seja qual for o destino que o espera, o que é certo é que elle ho de poder exclaimar, mesmo em caso de derrota, como aquelle personagem do segundo imperio ao saber do desastre de Sedun e do desabamento do imperial regimen: *C'est égal, nous nous sommes crânement amusés!*

Ninguém já falla do julgamento da Haute Cour. A opinião não o tomou a serio. O Senado quiz ser terminal e foi simplesmente infantil. A condemnacão de Rochefort á deportação perpetua n'uma fortaleza, pelo crime de escrever todos os dias no *Intransigeant* meia dúzia de *blagues* desarticuladas como palhaças de circo, é uma dessas catatônicas de velho *gaga* que só se podem contar como uma aneddotica, e que é impossivel discutir com gravidade. O que surprehende e desorganisa o criterio indifferente é ver, por ex.: o nome de Jules Simon, habituado a assignar obras primas, firmando tranquillamente a extravagante sentença.

Entretanto como já disse, o fogo vai lavrando surdamente. As reuniões electoiores succedem-se todos os dias, e n'uma d'ellas Lissaguray chama covarte a Cassagnac.

— E ainda vive? pergunta o leitor assustado.
— E de perleira saúde respondendo eu, convencido de que lhe vou causar um profundo desapontamento.

A morte de Villiers de l'Isle Adam é a nota triste d'esto quinquena jovial. Com elle desaparece uma das mais raras e delicadas individualidades da litteratura contemporanea. Da geração parnasiana que conta nomes como os de Coppée, Diers, Armand Silvestre e Camille Mendes, elle era incontestavelmente o talento mais original, mais estranho e menos popular. A sua arte é difficil de definir, sentiu-se mais do que se comprehendendo e sobre tudo do que se explica. Procede de Edgard Poe e de Baudelaire; e todavia é inconfundivel com elles. Os seus livros d'um symbolismo singular e mysterioso nunca obtiveram o largo successo de venda que consagra as reputações creadas nos cenáculos e lhes abre o accesso do go no publico. Este ignorou sempre Villiers de l'Isle Adam, e nem sequer deu pelo

seu desapparacimento. Um exiguo numero de amigos fieis acompanhou o grande artista á sepultura; este mesmo grupo fraternal já durante os ultimos meses da sua vida o salvara da absoluta miseria, a que o sonhador sublime, o contemplador d'ustros e do infinito, se deixara revelar sem lucto e sem resistencia, na sua desdenhosa indifferença pelas baixas e topes realidades.

O tumulto pouco revelou decerto a Villiers de l'Isle Adam, cuja alma foi talvez, de entre as de todos os homens, a que mais se debruçou sobre o tenebroso abysmo e a que lhe arrancou maior numero de segredos. Os sonhos, as abstracções, as allucinações que elle conseguia surprehender e fixar na mais bella e nitida linguagem que jamais fallou um artista, são os despojos magnificos que esse caçador chimérico trazia das suas excursões pelo alem obscuro, sobre o qual se abre a porta do sepulcro. A semilhaça do heroe da lenda rhenana, elle regressava de cada uma d'essas viagens mais velho de com annos em desalento e em desesperos intimos, mas trazendo no olhar a visão das coisas mysteriosas e ignotas que o seu genio devassara. Por isso quando a hora de morrer souo para elle, foi com um sorriso que elle contou as palpitações do seu pulso a extinguir-se, e quando o ultimo sopro se exhalou do seu labio torturado, respaldado no seu rosto o clarão da Caezosa absoluta e da imarcessivel Sereidade.

Um olhar de piedade para esse pobre Damia que a morte arrebatou tambem ha dias. Quem diria que esse soberbo moçoito, cujos musculos faziam bossa sob as mangas da sobre-casaca, cujo pescoco robusto, cuja cabeça realmente bella respirava saúde e força, iria mais cedo para a casa do que o magro e franzino arcaboço de nevrotico, queimado de paixões e de vicijs par les dix bouts, fragil boimha d'uma lambuja candente, de que elle tivera um dia a velocidade de fazer sua esposa legal, perante o sr. maire! Os que seguiram de perto este par excentrico puderam presenciar durante os ultimos meses da vida de Damia esta coisa singular e macabra — o explendito moço de outro'ra, le beau mâle, como agora se diz, definhandose, mirando, empallidecendo, as faces chupadas, o olho atono e vidrado, como se lentamente o sugasse uma invisivel machina pneumatica — e ao lado d'elle a femra meio-sibica, que tossia sangue e cujo expartillho cabia n'um snel, transformando pouco a pouco os seus angulos em curvas, ganhando cor e frescura, desabrochando como uma planta gorda de estufa. Dir-se-hia que a vida d'um passava lentamente para o outro, por meio de não sei que endosome mysteriosa e sinistra.

Na realidade, o caso explica-se. O pobre rapaz era realmente amante d'um vampiro, o qual se encontra em todas as pharmacias e se chama — morfina. Em poucos mezes, o monstro aspirou-o, bebeu-o, fez do magnifico animal saudo e robusto que elle era um lamentavel e macilento espectro, de olhar pannado e voz tremula, que um sopro fez evair-se.

Os primeiros symptomas do mal manifestaram-se por occasião do seu reaparecimento recente no papel de Armand Duval. Nervoso, vacillante sobre as pernas, em lucto com uma memoria já debilitada, o seu desempenho foi um penoso desastre. Estava perdido.

O pobre rapaz nunca soube bem ao certo o que quiz. Era um espirito desequilibrado e inconsciente. O seu casamento com Sarah Bernhardt desarranjou-o de todo, e d'ahi em diante todas as rodas do seu mechanismo intellectual poveram-se a girar como doidas. Demro da sua bella cabeça de pensador e de poeta havia o misto d'um ouistê. D'ahi as suas phantasias d'uma inconsequente simiesca, o seu divorcio, o seu breve abandono da vida theatral para se alistar como soldado n'um batalhão da Tunisia, o seu immediato arrependimento que o faz dei-

zar as fileiras e voltar de novo a precipitar-se na viagem de Paris, que o atraía, que o estonteava, e que finalmente o devora e faz d'elle um cadaver.

A sua ultima extravagancia foi a sua reconciliação com Sarah Bernhardt; mas d'esta vez, ninguém ficou surprehendido. Todo o puzmo se ergotara com o casamento.

Na vida real Damala era um pobre diabo, verboso, gesticulante, *ragtaguère* e *cabotin* nos modos e nas palavras. Fazia effeitos de punhos engommados nos restaurantes; lançava o cabello para traz, e gritava aos creados, com a sua bella voz de galan sonora e grave: — «Um almoço de 7 luizes! E dizo ao mestre que se distinga!» O que deixava o burguez estarrecido. Como actor, Damala adoptara ultimamente a recitação monotonica e incolôr de Sarah Bernhardt, reservando-se apenas para certas situações, e adoptara tambem a pronuncia extravagante que aquella actriz pôz em moda e que consiste sobretudo em articular os *tt* e os *dd*, à semilhança do *th* britannico, com a lingua entre os dentes. É um horror de pretensão burra e de pose reles. Mas querem acreditar que esta macaquicesinha já transpoz os Pyreneus e a Hespanha? Um conhecido escriptor, que nem sempre é muito feliz na escolha das suas originalidades, não articula o portuguez d'outra forma — mas o horrivel, o medonho, é que já vem araz d'elle uma geração de admiradores imberbes, seus pagens de leturas, que o imita em tudo, e que já se lhe apoderou dos *tt* e dos *dd*! Vejam o futuro que nos espera!

GISS.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

De muitos assignantes de Portugal temos recebido ultimamente cartas excessivamente amaveis, pedindo-nos para publicarmos TREZ NUMEROS da ILUSTRAÇÃO cada mez, em vez de DOIS, como sempre tem sido.

Agradecendo esta prova de tamanha sympathia que nos dão os nossos assignantes de Portugal, devemos dizer-lhes que não podemos fazer uma tal inovação, sem termos o consentimento de todos os nossos assignantes.

A ILUSTRAÇÃO, com os numeros que este anno tem publicado acerca da Exposição de Paris, parece-nos que tem dado sobejas provas de que só procura ser agradável aos seus leitores.

Certamente que a ILUSTRAÇÃO publicando-se TREZ VEZES POR MEZ, passaria a ter muito maior interesse, porque immediatamente inaugurariamos o romance illustrado, o romance proprio para familias, com magnificas illustrações dos primeiros desenhadores francezes.

Mas é preciso que os nossos amaveis assignantes aos quaes respondemos hoje, se lembrem que este augmento d'um numero representa mais um numero que é preciso pagar, e pode haver algumas bolsas modestas para as quaes este augmento seja um sacrificio.

Para decidir a questão só vemos um meio: — apellar para o Suffragio Universal!

Os nossos assignantes e compradores avulsos que desejam que a ILUSTRAÇÃO, para se tornar mais variada e mais interessante, passe a publicar-se TREZ VEZES POR MEZ, comprem um bilhete postal de 20 réis, e mandam a sua approvação pelo correio ao

DIRECTOR DA ILUSTRAÇÃO

13, Quai Voltaire,

FRANCE

Paris.

Os assignantes e compradores avulsos que achem oneroso este augmento d'um numero

por mez, mandam tambem a sua reprovação n'um bilhete postal de 20 réis.

Fedimos a todos sem excepção que nos respondam, apenas leiam este convite.

Todos os bilhetes postaes, ou cartas com uma estampilha de 50 réis, devem trazer bem claro o nome e a morada dos signatarios.

Tudo está agora dependente do suffragio dos nossos leitores. E assim faremos sempre, para irmos sempre d'accordo com a vontade do publico.



AS NOSSAS GRAVURAS

OS VISITANTES DA EXPOSIÇÃO
THOMAS EDISON

N O ultimo numero da ILUSTRAÇÃO o nosso director Mariano Pina consagra a sua chronica a uma audição a que havia assistido do novo phonographo de Edison.

Parece-nos portanto do maior interesse offerecer hoje aos nossos leitores o retrato do grande inventor do *phonographo*, d'aquelle a quem se deve o *telephone*, a penna electrica, os grandes aperfeiçoamentos no emprego da luz electrica, — e que hoje trabalha no aperfeiçoamento d'um novo apparelho que reproduz as imagens a distancia, e que permitirá a quem estiver fallando ao *telephone*, ver ao mesmo tempo reproduzida n'um espelho, a imagem da pessoa com quem estiver fallando!

Isto parece um conto das *Mil e uma noites*. O mesmo se disse do *telephone*; o mesmo se disse do *phonographo*.

E hoje, graças a Edison, um individuo em Paris falla com um amigo que se acha em Bruxellas; assim como uma pessoa que se acha em Lisboa pode mandar um recado com a sua propria voz a uma pessoa que se ache no Brazil ou no Japão. E este recado pode-se archivar, e d'aqui a 300 annos tornar-se a ouvir a voz da pessoa que o dictou!

Thomas Edison acha-se actualmente em Paris. É agora a primeira vez que o grande inventor deixa a sua America do Norte para vir pisar o velho continente europeu. E bem velho na verdade. Porque enquanto Paris recebe ao som de trombetas, de tambores e de canhões o *Schah* da Persia, o pretalhão Salifu, e outros exóticos personagens, — Edison, este rei da intelligencia, é acolhido em Paris como um simples mortal, por um grupo de amigos e de admiradores que o foram esperar à gare.

A casa em que mora Edison, nas proximidades de Nova-York, exteriormente nada tem de extraordinario. Mas por dentro, é o verdadeiro palacio da Electricidade!

Vive-se ali, como dentro d'uma magica! Só se vêem botões electricos por toda a parte; e apenas se carrega n'um, é logo uma surpresa e uma maravilha que nos surge como que por encanto...

Edison nasceu em 1847. Seu pai que havia ensaiado todos os modos de vida, sem ser feliz em nenhum, era muito pobre. E nos onze annos Thomas Edison andava vendendo jornaes pelas *gares* do caminho de ferro!

Como é que este asombroso espirito tão tarde cultivado, e que se abriu tão rapidamente ás mais espantosas especulações da sciencia, se desenvolveu, é o que não podemos relatar om tão curto espaço. Esta mysteriosa genese do genio é tão difficil de descrever como de comprehender. Basta dizer que em nove annos de estudo, Edison egualava em conhecimentos praticos os mais notaveis engenheiros electricos do seu tempo.

Edison é um homem alto, de rosto imberbe e pallido, olhos profundamente encovados, cabellos grisalhos cobidos sobre a fronte. Tem quatro filhos, e é casado em segundas nupcias. Do filho mais novo que hoje conta trez annos, o illustre sabio guardou n'um *phonographo* o primeiro grito quando veio ao mundo, para lho fazer ouvir quando chegar a maioridade!

A nossa gravura representa Thomas Edison escutando o que lhe diz o *phonographo*, — a ultima maravilha sahida das suas mãos — e que d'aqui a

pouco vai ser d'uma absoluta necessidade, como hoje já é o *telephone*.

Os rôlos brancos que se vêem ao lado do *phonographo*, são os rôlos que se introduzem no *phonographo* e onde o estyete vai gravando as vibrações da voz, a proporção que se falla no apparelho. Quando tiver concluido o apparelho que reproduz as imagens a distancia, — Edison pensa entregar-se ao estudo do aproveitamento da força do elemento liquido.

Na sua viagem para a Europa, Edison ficava horas e horas na ponte do vapor, contemplando o Oceano, o movimento incessante das vagas. E exclamava constantemente: — «Quanta força aqui perdida!»

E agora não abandona a ideia, apenas voltar para Nova-York, de ver se descobre o meio de aproveitar a força das aguas.

Mas isto só depois do apparelho para levar as imagens a distancia, — e de experiencias que anda agora tentando acerca da direcção dos balões.

Extraordinario e asombroso espirito...

♦♦

No dia 23 d'agosto findo Sua Alteza Real o sr. D. Carlos de Bragança assistio no pavilhão portuguez do qual d'Orsay a experiencias do *phonographo*, que lhe foi apresentado pelo sr. Monteiro e Sousa, representante em Portugal e Brazil da companhia d'Edison para a exploração d'este apparelho.

Estavam presentes os srs. conde de Seisal, conde de São Mamede, conde de Valbom, conselheiro Mariano Cyrillo de Carvalho, presidente da commissão portugueza, Carlos Lobo d'Avila, conde d'Azevedo da Silva, Eça de Queiroz, Bortaldo Pinheiro, José Ribeiro da Cunha, Mariano Freza-do, Alfredo de Castro, Mariano Pina, etc.

S. A. R. ouviu trechos da *Carmen* que haviam sido cantados em Londres pelos irmãos Andrade, ouviu um piano e um solo de cornetim. Depois, aproximando-se do *phonographo* pronunciou estas palavras: — «Estou verdadeiramente maravilhado pelo modo como este apparelho reproduz os sons que são confiados ás suas placas.»

E immediatamente o *phonographo* repetiu esta phrase, reproduzindo fielmente o timbre de voz de S. A. R.

Brevemente haverá experiencias em Lisboa. Para esta cidade terá o sr. Monteiro e Sousa um rôlo onde ficou gravada uma recommendação do *phonographo* feita pelo sr. conselheiro Mariano de Carvalho, algumas phrases de Bortaldo Pinheiro e do sr. Gerardo Pery, e uma carta fallada do nosso director Mariano Pina ao seu amigo e illustre orador Pinheiro Chagas.

Estamos certos de que o *phonographo* ha de despertar grande curiosidade em Lisboa.

BORDALDO PINHEIRO NO «CHAT NOIR»

Lê-se nas *Novidades* de Lisboa, de 13 d'agosto findo, a seguinte noticia acerca da festa dada no *Chat Noir*, de Paris, em honra do nosso illustre e querido amigo Raphael Bortaldo Pinheiro:

No dia 9 em Paris, no famoso *cabaret* artistico do *Chat Noir*, grande festa e representação em honra de Raphael Bortaldo Pinheiro. Esta festa tão sincera e tão brilhante, mereceu bem que a mencionemos em todos os seus detalhes, porque não só é uma honra para o artista que installou o Pavilhão Portuguez, mas porque é mais uma prova da grande sympathia que Portugal encontra em todas as classes da sociedade franceza.

Rodolphe Salis, o fundador e proprietario do *Chat Noir* e do jornal semanal illustrado, que em Paris se publica com o mesmo titulo; o fundador d'esse famoso *cabaret* de onde saíram para o grande publico os nomes de poetas como Maurice Rollinat; Jules Jouy, Victor Meusy, Mac-Nab, Jean Rameau, e de artistas como Caran d'Ache, Willette e Henri Rivière; — Rodolphe Salis, que é pintor, escriptor e grande amador de *brie-à-brac*, entrou ha dias por acaso no pavilhão portuguez do *Quai d'Orsay*. E aconteceu-lhe, o que tem a contecido aos mais difficeis amadores, ficar maravilhado com as faiações artisticas e os deslumbrantes agulheiros que ornamentam a nossa exposição, todos sahidos da fabrica das Caldas da Rainha.

Depois de ter percorrido toda a nossa exposição, Rodolphe Salis procurou ser apresentado a Bor-



PARIS PITTORESCO. — O THEATRO das sombras no « Chat Noir. »



AS FESTAS DA EXPOSIÇÃO. — As mesas do baccarat aos « Mairies » no PALÁCIO DA INDÚSTRIA.



PARIS PITTORESCO. — A SALA DAS REPRESENTAÇÕES NO « CHAT NOIR »



TRANSPORTE DAS CADEIRAS.



COLLOCAÇÃO DAS ETIQUETAS.

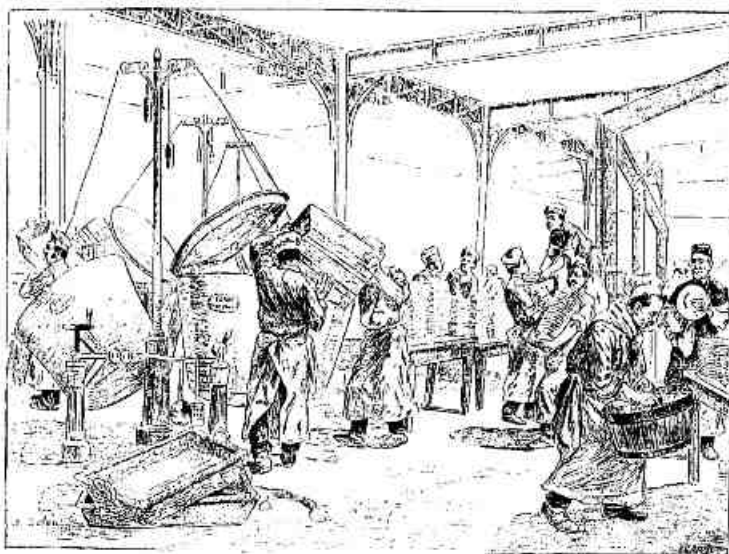
dallo Pinheiro, para o felicitar pelos seus trabalhos, testemunhar-lhe a sua admiração, e dizer-lhe que as suas faianças, pela sua individualidade, estão destinadas a operar uma verdadeira revolução entre os artistas ceramistas. E despediu-se de Bordallo, convidando-o a elle e aos seus amigos para uma

soirée que Salis desejava dar em honra de Bordallo nas salas do *Chat Noir*.

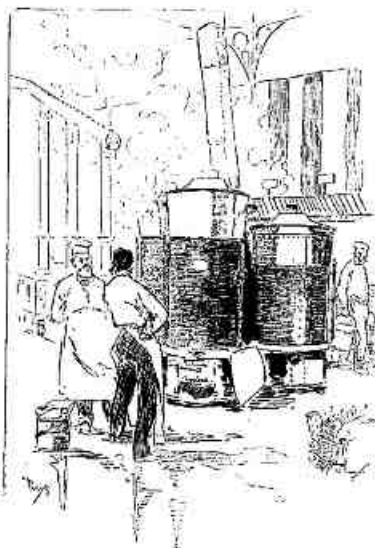
Essa *soirée* realizou-se no dia 9 do corrente, na sala de espectáculos do elegante e pittoresco *cabaret*, tão conhecido não só de Paris, mas de todos os estrangeiros amantes de letras e artes que se en-

contram nas margens do Sena.

Na sala estavam os poetas, escriptores e artistas que frequentam o *Chat Noir*. Poucos logares havia para o publico. Acompanhavam Raphael Bordallo, seu irmão Feliciano Bordallo Pinheiro, e os seus amigos Carlos Pinto Coelho de Castro, os esculpto-



AS GRANDES MARMITAS PARA A SÓPA.



OS GRANDES FILTROS PARA CAFÉ.

res portuguezes Teixeira Lopes e Thomaz Costa, Julio Palmeirim, Oscar de Araujo, os esculptores francezes Houssin e Hirou, Augusto e Mariano Pina.

Rodolpho Salis annunciou aos seus convidados que « a recita era dada em honra do *maître céra-*

miste portugais. Bordallo Pinheiro, o artista que do fundo de Portugal veio mostrar a Paris e a todo o mundo artistico, que novo caminho tinha a seguir a arte da faiança ! »

O theatro do *Chat Noir* é um theatrinho de sombras chinezas, onde ha dois annos tamanho successo

obteve a famosa *Epopeia* de Caran d'Ache. Em honra de Bordallo *lex-se a reprise da Tentation de Saint Antoine*, de Henri Rivière, drama burlesco em dois actos e varios quadros — e de *l'Amour*, drama psychologico em dois actos e quatro quadros.



A COZEDURA DOS SÁTIROS.



O RESPO AOS PORRIS.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — BELLAS-ARTES. — A CABRA CEGA.

QUADRO DE AUGUSTO TRUPHÉMÉ.



OS VISITANTES DA EXPOSIÇÃO. — O REI DINAH SALFO, SUA MULHER E SEU FILHO.



AS FESTAS DA EXPOSIÇÃO. — OS DELEGADOS DO SENEGAL, NO BUFFET DO PALÁCIO DO ELYSÉU.

A representação foi intercalada com recitações de poesias e canções, ditas pelos próprios actores, os poetas Jean Rameau, Victor Meusy, Adrien-Mac-Nab, etc.

Terminado o espectáculo, desceu-se para as pittorescas salas do rez-do-chão (porque o *Chat Noir* occupa um palacete sito na rue de Laval) e um orquestra executou o hymno português e a *Marselheza*. Rodolphe Salis levantou vivas a Portugal, que foram entusiasticamente correspondidos por todos os frequentadores.

Em seguida abriram-se varias garrafas de Champagne, e Salis apresentou Bordinho e os seus amigos a todos os poetas e artistas que ali se achavam, havendo muitos e entusiasticos brindes a Portugal, à França, aos artistas e escriptores portuguezes, aos artistas e escriptores parisienses, etc.

Rodolphe Salis offereceu a Bordinho uma primorosa edição illustrada dos *Contes du Chat Noir* com esta dedicatória, escripta em velho francez:

A Messire Raphael Bordinho, maître ceramiste du guay royal de Portugal et grand inventeur d'émaux et d'œuvres qui par leur grande allure artistique contentent ce siècle et étonnent les autres.

J'offre ce livre où sont contés des histoires et la mode d'autrefois pour le distraire en notre cher pays montmartrois et lui offrir notre admiration sincère.

RODOLPHE SALIS.

Seigneur de Châteaufort-en-Vexin

Victor Meusy também offereceu a Bordinho um exemplar das suas *Chansons d'hier et d'aujourd'hui*, edição primorosamente illustrada por Felicien Rop, com esta dedicatória:

Hommage de l'auteur à Raphael Bordinho maître ceramiste et glorieux peintre, sculpteur et caricaturiste portugais.

VICTOR MEUSY.

En témoignage d'admiration pour son grand talent, 9 août 1889.

Esta festa tão sympathica e tão espontanea terminou cerca das duas horas da noite, ao som do hymno portuguez, da *Marselheza*, e aos gritos de — Viva Portugal! e Viva a França!

É seria uma falta não a tornar publico, porque mostra plenamente que os nossos artistas, quando são originaes e essencialmente portuguezes como Bordinho Pinheiro, tem um lugar marcado em Paris, o maior centro artistico do mundo.

O jornal *Chat Noir* do dia 9 de conta, n'um artigo critico, da importancia que tem para a arte da cerâmica as fayanças das Caldas da Rainha.

..

Eis a noticia da festa, em todos os seus detalhes.

Restu-nos agora apresentar aos nossos leitores o interior da sala de representações do *Chat Noir*, tendo no fundo o pequenino palco onde se representam as mais pittorescas e phantasistas peças, todas em sombras chinesas, e que tem tido por auctores — Caran d'Ache, Blombed, Robida, Henri Rivière, Somme e outros.

Esta sala do *Chat Noir* constitue uma das mais vivas curiosidades de Paris. Por ali tem passado não só toda a bohemia artistica e litteraria de Paris, mas todos os escriptores e artistas francezes; e varias vezes ali encontrámos homens como o general Pittié, o general Boulanger, que vinham ao *Chat Noir* assistir ás famosas representações da *Epopeia* de Caran d'Ache.

As representações de sexta-feira são as de publico select — publico d'artistas, d'escriptores e d'homens do mundo. Como irreverencia — porque aqui a irreverencia é de rigor — o mais curioso no *Chat Noir* é ver os criados do café vestidos de *immortals*, com a mesma casaca bordada de palmas verdes que trazem os membros da Academia franceza!

No nosso desenho, à esquerda do leitor, quasi no extremo da gravura, vê-se o perfil de Rodolphe Salis, o proprietario do *Chat Noir*. É o individuo que de pé, tem cabelo, e com uma sobrecasaca cinzenta, falla ao homem que da o braço a uma senhora. E esse o perfil de Rodolphe Salis, *seigneur de Châteaufort-en-Vexin*, que nas noites de espectáculo explica aos seus convidados, na mais pittoresca linguagem, o argumento das peças.

Uma outra pequena gravura representa unicamente o palco do *Chat Noir*. Vê-se no transparente, Napoleão I sahindo da sua tenda, seguido d'um

cauchê, e uma sentinella apresentando-lhe armas. É uma scena da celebre *Epopeia* de Caran d'Ache.

E com estas gravuras firão os leitores da *ILUSTRAÇÃO* uma perfeita ideia do interior d'este *Chat Noir*, onde Bordinho Pinheiro foi tão festejado, e onde o nome de Portugal foi tão applaudido, quando a orquestra entou o hymno portuguez.

A redacção da *ILUSTRAÇÃO* felicita Bordinho Pinheiro pelas distincções de que tem sido alvo em Paris, e pela plena consagração que o seu talento aqui veio ter.

Oxalá agora o seu paiz saiba ter confiança em todas as ideias que Bordinho Pinheiro deseja realizar em Portugal. As fayanças das Caldas da Rainha obtiveram em Paris um successo colossal. Que amanhã o Estado anime Bordinho Pinheiro a continuar a renascença das nossas antigas e algumas extinctas industrias, verdadeiramente nacionaes, podendo accentuar o seu caracter e a sua individualidade em todas as exposições futuras.

O successo das fayanças portuguezas em Paris é a mais brilhante resposta á nossa mal-língua e ao feitiço indigena, que não queria ver nos productos das Caldas mais que uma phantasia de artista bohemio, sem nenhuns resultados praticos.

Hoje Paris disse que a loja das Caldas é uma maravilha. E agora é que em Portugal se vai ver que é effectivamente uma maravilha...

Mas que se hade fazer, se o mundo é todo assim?... Felicitante que ha Paris para abrir os olhos a este mundo, e apontar-lhe o que deve fazer...

..

Passemos agora a transcrever o artigo do *Chat Noir*, para que os nossos leitores e a imprensa portugueza vejam de quantos elogios espontaneos tem sido alvo em Paris o nosso querido amigo.

É um dever nosso dar a maior publicidade a todos estes factos, para que tambem os admiradores apaixonados do grande talento de Bordinho Pinheiro vejam que o artista é cada vez mais digno da admiração dos seus compatriotas. — pois é a primeira vez que um artista portuguez se distingue d'um modo tão notavel em Paris, principalmente n'este momento em que no Campo de Marte se acham reunidos os talentos de todos os paizes.

Eis o artigo do *Chat Noir*:

Le Chat Noir à l'Exposition.

Entré par hasard à la Section portugaise, au quai d'Orsay, nous sommes tombés en arrêt devant la poterie de Caldas da Rainha. Etablie à vingt lieues de Lisbonne, cette fabrique, qui n'a que quelques années d'existence, va fonder un dépôt à Paris, tant ses envois ont été favorablement accueillis: chaque plat est acheté sept ou huit fois, et les clients se nomment Chatelet, Sarah Bernhardt, les deux Coquelin, etc.

Célèbre depuis la reine Dona Leonor, femme de Jean II, c'est-à-dire depuis la découverte des Indes, cette industrie était tombée dans le marasme et l'ignorance. Le paysan, sans guide et sans école, recommençait depuis cent ans le même vase. Le directeur actuel, M. Raphael Bordinho, parvint, la Péninsule, cherchant dans les objets anciens des modèles usuels, fouillant les ruines pour y trouver des falences arabes, demandant aux paysans leurs plats, aux mulâtiers leurs gourdes, aux Maures leurs carreaux de revêtement, aux juges leurs enciers, aux limonadiers leurs alcores, et c'est ainsi par ces types originaux, qu'il a rénové une industrie pittoresque, persuadé que si l'Anglais et l'Allemand n'ont pu faire un plat joyeux, une coupe amusante, en poterie.

Les Portugais sont toujours gais.

Nous citerons trois branches: les objets usuels, où M. Raphael Bordinho, s'inspirant de Bernard Palissy, évoque la nature par ses entortillements de poissons, de fleurs et de fruits, ou la mer, par ses coquillages brillant aux coins des plats; le carrelage indigène, entièrement dérivé ou copié des Arabes, aux tons chauds et étincelants au soleil; les gros objets servant à la décoration extérieure, sculptures de l'avenir, qui demandera des profils au lieu de corniches étroites, des couleurs vivaces à la place de froides lignes; enfin la fantaisie où se mêlent les animaux étranges, les vertes grenouilles, les homards cardinaux (ils sont cuits à 1,800 degrés), les crabes gris et jusqu'aux juifs, ce dernier échelon de l'horreur.

MAURICE ISABEY.

AS FESTAS DE EXPOSIÇÃO. O BANQUETE MONSTRO

Realizou-se no dia 15 d'agosto findo no Palacis d'Industria, o banquete monstro de quinze mil *tableaux* offerecido pela Municipalidade de Paris ao *Maires* das communas de França.

Não ha memoria de banquete igual a este. Em nonhuns annos da gastronomia humana se encontra este facto de se dar um jantar para o qual foram convidadas quinze mil pessoas!!

É o que era realmente assombroso, lembrando pelo aspecto alguma aventura do Pantagruel, era ver preparar este banquete, nas cozinhas que para esse fim se installaram nas dependencias do Palacis d'Industria.

Exemplos: — Vinte cozinheiras estão occupadas a cortar duzentos salmões. As postas são collocadas em milhares de pratos. — Outros cortam em vinte e dois mil bocados mil e quinhentas gallinhas coradas. — Mil *galantines* d'aves trufadas são distribuidas em postas por mil travessas de metal brilhante. — Mil empadões encerram mil e quinhentos patos.

Dois dos principaes padeiros de Paris forneceram vinte e seis mil pães. Estes pães medem cada um 22 centimetros de comprimento. Tota: cinco kilometros e meio de pão!

Mil açafatos com fructos!... — Mil garrafas com gelo para o Champagne. — O serviço fez-se com oitenta mil pratos. — Pelas mezas distribuiram-se trinta e cinco mil garrafas do vinho.

O serviço foi feito por mil criados. Cada criado occupava-se de quinze convidados.

E toda esta organização para um semelhante jantar correu com a maxima serenidade. Como quasi todo o banquete foi de comidas frias, a cozinha propriamente dita reduzia-se a trezapparechios muito simples: — uma cafeteira contendo 140 litros, um reservatorio d'agua quente de 100 litros, e um forno para assar em trez quartos d'hora 100 kilos de carne. Sessenta salmões foram cozidos em cinquenta minutos.

N'uma cafeteira monstro fizeram-se em alguns minutos 2500 litros de café.

Depois d'isto, parece-nos que o festim de Balthazar, de biblica memoria, não passa d'um jantarinho entre amigos, talvez ainda mais modesto que os jantares dos *Vencidos da vida*!

Pelas nossas gravuras, os leitores da *ILUSTRAÇÃO* poderão ver um aspecto das mezas collocadas na grande nave central do Palacis d'Industria; a meza d'honra da qual o sr. Carnot, Presidente da Republica franceza, leu o discurso aos *Maires*; e varias scenas das cozinhas antes e depois do banquete.

Assim farão os nossos leitores uma ideia das proporções que tomou este banquete, e que é inconceivavelmente uma das festas mais curiosas da actual Exposição.

BELLAS-ARTES. — A CABRA CEGA

Continuemos os nossos passeios através da secção franceza de pintura, na Exposição do Campo de Marte, e paremos um instante diante do gracioso quadro do sr. Gustavo Truphème.

Esta scena infantil é reproduzida com todo o encanto e toda a alegria que a vemos na vida real, graças ao fino pincel do artista, ao seu delicado talento e á sua conscienciosa observação.

A gravura que reproduz este espirituoso quadinho traz a assignatura de *Ch. Baudé*, — um dos mestres gravadores do nosso tempo. É mais uma pagina brilhantissima que vem juntar-se á immensa collecção de gravuras artisticas que a *ILUSTRAÇÃO* tem divulgado tanto em Portugal como no Brazil, — paizes onde a boa gravura andava tão desconhecida, cedendo o lugar a gravuras verdadeiramente selvagens...

O REI DINAH-SALIFU

Depois de Sua Magestade Nassar-Eddin, tomou a honra de apresentar aos nossos leitores um outro curioso visitante da Exposição de Paris — Sua Magestade o rei Dinah-Salifu, acompanhado de sua esposa a rainha Philis, e do seu filho Ibrahim.

Dinah-Salifu é rei do Rio-Nunes. Tem 52 annos, e os tribus que elle governa são as dos Nelus e Bagas. Pela mesma razão (que nós persistimos a ignorar) que um qualquer rei da Europa, é primo, tio, irmão, pae e ás vezes mãe de todos os outros reis e imperadores da Europa, assim Dinah-Salifu é primo ao Schah da Persia.

Mas este parentesco em nada influia para que o sr. Carnot não recebesse no seu camarote, na noite do gala na Opera, o rei africano. O sr. Carnot

mandou Salifu, sua mulher e seu filho para as caideiras, — e só deu a direita no grande camarote presidencial ao Schah e a um Príncipe da casa imperial do Japão.

Houve em Paris uma entrevista entre o Schah e Salifu. O schah perguntou ao augusto pretelhão e primo onde ficavam os seus estados; quantos súditos tinha; e de que exército dispunha. A nada o primo soube responder. Nem mesmo dizer que condecoração tinha ao peito. Salifu tinha-se condecorado com uma ordem do seu paiz — mas não sabia qual, nem como se chamava!

Santo varão e admirável monarcha! Talvez afinal tu sejas o mais feliz, o mais bondoso, o mais honesto, e o mais philosopho de todos os estrangeiros que vieram este anno a Paris!

A Illustração te saudá, Salifu!

Quando Salifu estava para deixar os seus estados e vir até Paris, a rainha recusou-se a acompanhá-lo, com medo da viagem por mar. E que pensam os senhores que fez Sua Magestade? Metteu-se a bordo do vapor; desceu o Rio Nunces; foi bater à porta da respeitável pretelhona que aqui vêem; convidou-a a vir-lhe fazer os seus adeus a bordo; e quando a apanhou dentro do barco, mandou levantar ferro, — e ela para Paris!...

AS FESTAS DA EXPOSIÇÃO OS DELEGADOS DO SENEGAL

Seriam precisos em vez de dois — vinte numerosos da Illustração por vez, para dar conta ao publico luso-brasileiro dos mil aspectos pittorescos da grande Exposição, e das festas que se toem realçando em Paris.

O nosso desenhador Kauffman offerece-nos hoje um curioso aspecto do buffet do Elysee, durante a ultima recepção do Presidente da Republica.

Vêm-se no primeiro plano os delegados do Senegal e o filho do rei Dinah Salifu saboreando os refrescos, com uma soffreguidão verdadeiramente selvagem... destacando-se o pittoresco dos seus tipos e dos seus costumes d'um modo notavel, ao lado da frieza-banal das nossas casacas europeias.

Actualmente, um dos encantos de Paris, não só nas recepções officiaes, como em pleno boulevard e em plena Exposição, é observar a variedade dos trajes e dos tipos de todos os paizes e de todos os continentes, — desde a jaleca, a calça a bocca de sino e o sapato de salto de prateleira, do tipo afestado de Lisboa, até aos mantos dos arabs e aos rabichos dos chinezes.

Não imaginem que a jaleca e o salto de prateleira seja um exaggero nosso. Vimos ha dias, no boulevard dos Italianos, um tipo de Lisboa vestido com o mesmo rigor de toilette com que se vae a cavallo para uma espora de toiros...

E palavra que tinha uma grande originalidade!

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — NA RUA DO CAIRO.

O desenho do nosso brilhante collaborador Adrien Marie não precisa d'explicações da nossa parte.

A rua do Cairo, de que já demos ha muito uma gravura, é não só curiosa pelas construcções que são uma perfeita reconstrução do Oriente, mas tambem pelas lojas onde se vendem todos os artigos e quinquilharias que o Oriente costuma exportar para a Europa.

Essas curiosidades orientaes ao alcance de todas as bolsas, constituem lembranças da Exposição de Paris que os provincianos e os estrangeiros se apressam a comprar e a levar de presente aos parentes e amigos.

São sconas da rua do Cairo que Adrien Marie soube reproduzir com a verve e a habilidade do lapis tão conhecidas e apreciadas dos leitores da Illustração.

JACQUES DAMALA

Acerca de Jacques Damala, marido de Mme Sarah Bernhardt, falla largamente na sua chronica de Paris o nosso illustre collaborador Gless.

Jacques Damala era grego d'origem, e começou a sua vida como addido de legação da Grecia. Em Paris enamorou-se da grande actriz; entrou para a sua troupe; e os dois casaram em Londres 1881. Em seguida ao seu casamento Mme Sarah Bernhardt partiu pela primeira vez para Portugal, debutando em Lisboa no theatro do Gymnasio na *Dame aux Camélias*.

A redacção da Illustração evia á grande actriz a expressão do seu sincero e profundo sentimento, pela morte de seu marido.



A VIRGEM BUDHA

CONTO PHANTASTA

NAS tristes tardes de Pekim, depois de dar o meu passeio favorito sobre a muralha que separa a cidade Tartara da cidade China, e á hora que os corvos em grandes revoadas, veem grassando da larga planicie, abater-se como um véo de luto sobre as ramarias das arvores da cidade interdita, eu tinha por costume, antes de recolher-me, entrar um momento em casa do meu amigo « Sün-Yu », notavel letrado chine, mandá-vim de botão de coral e primeiro secretario no « Tsung-li-Ya-men ». Ahi esperava-me em cada dia o precioso chá — flor de perolas — escolhido pelos padres budhas nos solitários templos das collinas de « Miaufen shan. »

Era na pequenina e desconfortavel sala de « Sün », onde apenas alegavam as paredes despidas algumas tiras de seda vermelha, com caracteres bordados a preto e ouro celebrando as virtudes dos avós, que meu espirito ia a pouco e pouco penetrando nos complicados segredos da mysteriosa vida do vasto imperio do Meio.

Mai eu entrava, o creado que respeitosa-mente me introduzia, vestido n'uma ampla cabaia azul, calçado com as altas botas de seda de cavalleiro e sempre coberto com o seu chapéu de farta borla vermelha, corria discretamente a cortina da escura alcova onde o « Kan », de cedro envernizado com a sua fina esteira e a pequenina mesa « Ming » de velho charão, trabalho de côr de tijolo cosido, o lampada e o cachimbo, convidavam a sonhos languidamente phantasticos o impenitente fumador d'opio. No ar havia sempre esse perfume d'opio queimado, penetrante e ligeiramente enjoativo, que nos entorpece ao de leve os sentidos. Em seguida o creado desviava da parede uma banca alta e estreita, dispunha dois tamborêtes aos lados, e immovel, em frente da porta, esperava impassivel a entrada do seu senhor. « Sün » affectuoso e amavel, depois do « shin-shin » curvado, estendia-me familiarmente a mão á moda europeia. Sentados ao lado da mesa, encerravamos a nossa palestra, saboreando o chá, servido em delicadissimas chincas de porcelana « Khanghi », da familia côr de rosa, de peças de rica prata lavrada.

Um dia, lembra-me, interroguéi o meu amigo sobre a razão que haveria para em todas as lojas e bazares de antiguidade me pedirem sempre preços extraordinariamente fabulosos por uma d'essas imagens da virgem « Kouan-Ki », que eu via em toda a parte, mas que decididamente ninguem me queria vender, tal era a elevada somma por que a custo consentiam em desfazer-se d'uma d'essas pequeninas figuras de porcellana branca.

« Sün », sorrindo da minha pergunta, ou antes da minha ignorancia, e sorvendo da elegante tabaqueira, em forma de frasco de

saes, uma boa pitada de simonte amarellado, satisfiz a minha curiosidade principiando, como de costume, pela exclamação tão sua predilecta: « Estes homens do occidente! Estes homens do occidente!... » em que elle, polidamente, punha todo o seu nobre desdém por nós, míseros filhos da velha Europa; e, cerrando um pouco os seus vivos olhos sumidos, continuou assim:

« Kouan-Ki » foi a creatura mais formosa que ainda veio a este mundo. D'uma belleza tão peregrina, nem de longe pode ser comparada á « Li-Kuan », a celebrada formosura do harem do imperador « Han-Wu-Ti », de tez tão mimosa e compleição tão delicada, que o seu imperial amante affirmava que uma simples franja de seda frouxa, passada ao de leve pelas suas faces mucias, lhe poderia causar damno, e temia até, que o zephíro, ainda mesmo quando soprasse tão ligeiramente que apenas fizesse tremer nos lagos as folhas dos roseos nenuphars, fosse bastante para arrebatá-la da terra!

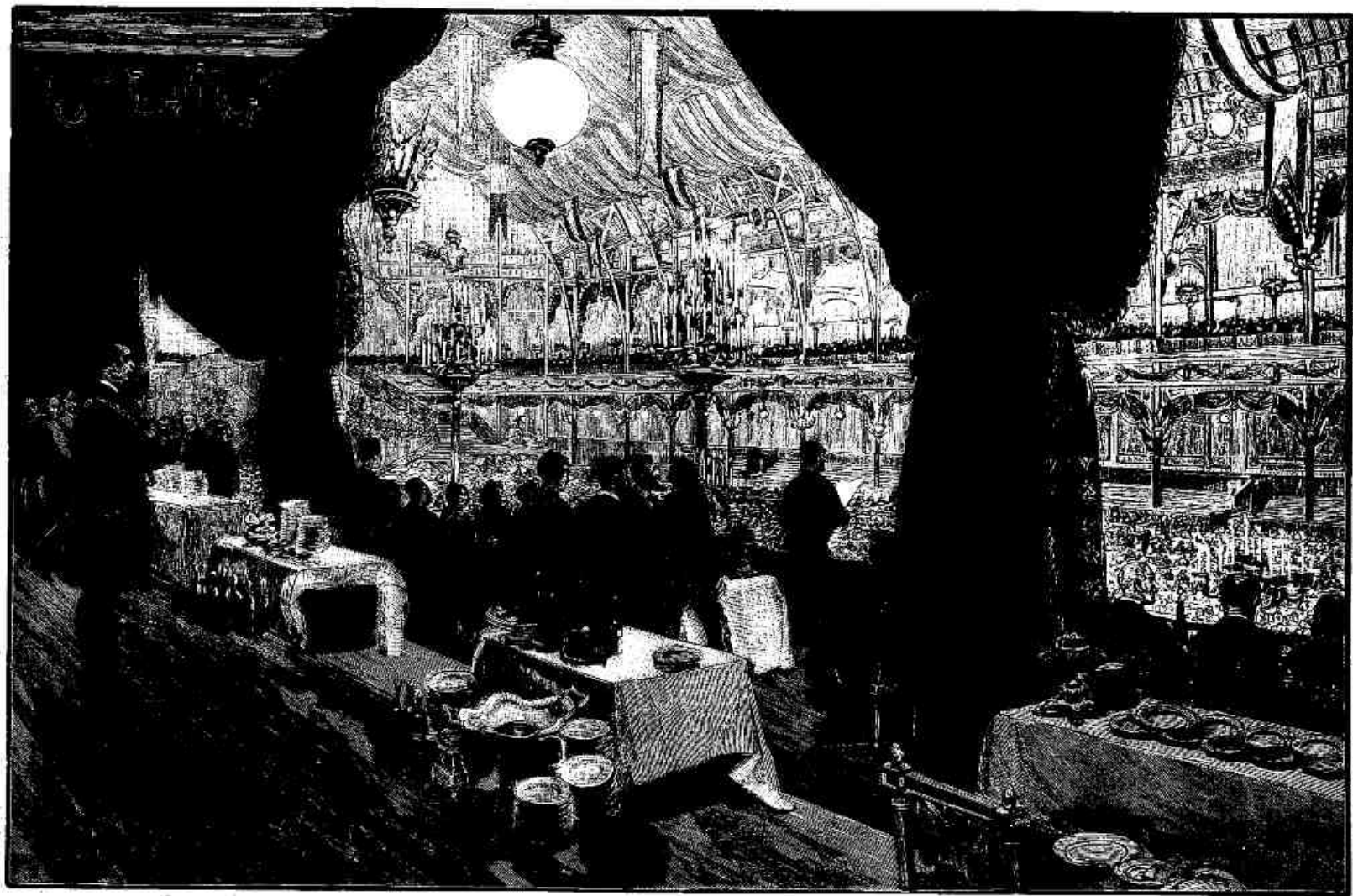
Mais bella que « Li-Ki », mais bella que todas as creações dos poemas de « Tu-Tsze-Mei ». Um deslumbramento, uma maravilha!

Pobre, passeava nas ruas de « Kai-fung » o desabrochar das suas quinze primaveras, trazendo atraz de si, avassallados por um immenso amor, todo um cortejo d'apaixonados, ricos e desprotegidos da fortuna, « coolies » e nobres. Desprezando as propostas de casamento que a cada instante lhe faziam, com a sua farta trança de virgem cahida pelas costas abaixo, tinha invariavelmente na bocca vermelha, que lembrava uma cereja debicada pelo « Ho », a ave immortal das nossas lendas, um « não » que feria como uma punhalada mortal.

E todos ao vel-a, não logrando possuil-a, ou enlouqueciam ou se matavam, procurando nas sombras das « quatro fontes » a paz para os seus tristes corações. A sua alma empedernida fazia mais victimas que uma fome assoladora. Assim « Kai fung » transmutava-se n'um cemiterio, e paes e mães choravam desesperados os filhos que perdiam!

Pouco tardou em chegar ao palacio do « Filho do Ceu » noticia d'essa funesta formosura, e logo o imperador enviou emissarios a « Kai-fung » ordenando que fosse conduzida á sua presença essa mulher mais pura e mais bella que o « Yu », o supremo symbolo da eterna pureza e da eterna formosura! Indiferente, recebeu os enviados do poderoso imperador « Suan-Ti », e, escolhida como uma princeza de sangue, partiu n'uma cadeirinha caminho da grande capital. Mensageiros montados em soberbos cavallos mongoes, brancos de espuma, chegavam em cada dia ao palacio, informando da viagem de « Kouan-Ki », que vinha atravessando as provincias, despovoando aldeias e cidades, seguida até de velhos que, como os moços, se abrasavam na chama do seu olhar celestial.

Era noite, quando ao cabo de um mez o numeroso cortejo chegou ás portas da cidade interdita. Sem mais detença « Suan-Ti », cercado da sua brilhante corte, ordenou que « Kouan-Ki » fosse introduzida acendendo-se todos os candelabros de lirios d'ouro como se se tractasse da mais sumptuosa festa. E ao vel-a, o « Filho do Ceu », como o ultimo dos seus vasallos, cahiu rendido, des-



AS FESTAS DA EXPOSIÇÃO. — O BANQUETE DE 15.000 TALHERES, OFFERECIDO AOS « MAIRES » DE FRANÇA NO PALACIO DA INDUSTRIA. — O PRESIDENTE DA REPUBLICA PRONUNCIANDO O SEU DISCURSO.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — NA RUA DO CAIRO. — Provincianos e estrangeiros comprando curiosidades nos bazares orientaes.

lumbreado! E, ao escutar-lhe a voz suave, cuidou até ouvir os sons do « kin » vibrado pelo proprio Genio d'Harmonia!

Mandou retirar a côrte e de joelhos implorou-lhe o seu amor, que consentisse em subir com elle as douradas degraus do throno cravejado de pedrarias, donde dominava o mundo.

« Kouan-ki », pondo na sua voz a deliciosa morbidez d'uma musica estranha, respondeu como a todos:

— Que no seu coração não sentia amor!

Em vão durante dias e dias « Suau-Ti » tentou captivar-o, abrasar-o, em chamma de paixão que o devorava. Fôra, em volta dos altos muros, coroados de telhas amarellas, a legião dos namorados que a tinham seguido debatendo-se ferozes implorando a morte; mas que o « Filho de Céu » consentisse que uma derradeira vez vissem a deslumbrante apparição que os perdera!

Então o imperador, generoso como bom « Filho do céu », mandou — unico exemplo na historia d'este império — abrir de par em par as portas da cidade interdita, consentindo a todos os seus subditos que viessem desfilar diante de « Kouan-ki » para que ella podesse escolher o eleito do seu coração, prometendo ao feliz rival honras e riquezas sem conta.

Nos vastos jardins do palacio confundiam-se as ricas cabanas dos senhores com as esfrangulhadas vestes dos pobres; sem distincção, um por um, á medida que chegavam, iam entrando no pavilhão onde « Kouan-ki », cercada pelas mais bellas mulheres do harem imperial, ouvia os protestos dos seus adoradores, despedindo-os com desdenho. Quando o ultimo sahio e o imperador quiz saber o nome do feliz mortal, ella, pondo na sua voz a deliciosa morbidez d'uma musica estranha, respondeu como sempre:

— Que no seu coração não sentia amor!

« Suau-Ti » como louco fugiu, deixando só essa mulher mais fria que os proprios geios do inverno. As sombras da noite desciam pesadas sobre os jardins já desertos. Horas depois, n'um ultimo alento de esperança, o imperador voltando ao pavilhão não a encontrou. A lua como uma perla enorme, inundava a terra e o céu d'uma luz sem igual, e para as bandus d'onde apparece o sol, fluendo sobre um novillo de nuvens coloridas, « Suau-Ti » viu pela derradeira vez a formosissima « Kouan-ki », que baixinho ia segredando ás estrellas com a sua voz em que havia a morbidez d'uma musica estranha:

— Que no seu coração não havia amor!

No dia seguinte o imperador — « Grande Buddha do dia d'hoje » — elevava a Divindade a « Virgem Kouan-ki ». N'esse decreto, porém, ordenava que para a adoração da nova Deusa a sua imagem, por todo o sempre, não podesse ser reproduzida senão em banco. Assim ficava bem assente que essa creatura ideal, apesar de sua essencia divina, não tinha coração.

Ora amigo — dizia-me « Sün » procurando ler nos meus olhos a impressão que a sua lenha me fizera — se é certo que n'esta vida não existe felicidade sem amor, não é menos tambem que tal sentimento, levado ao excesso da paixão, conduz aos maiores crimes. Por isso em toda a casa china se encontra e se guarda piedosamente a « Virgem Kouan-ki », que arrefece com o seu

olhar de gelo os desvaicamentos dos nossos corações.

Levantando-se, levou-me por uma das portas da sala a um corredor estreito e baixo, que ladeava o pátio interior, e onde eu nunca tinha penetrado. Ao fundo, suspenso do tecto vermelho, via-se uma especie de oratorio feito de madeira entalhada. Sobre o ultimo degrau do pequenino throno, a virgem branca, leitosa, de porcellana « Tcheou », da melhor epocha « Kam-hi », com os braços cubitos e as mãos cruzadas, illuminava com o brilho incomparavel da neve ferida por um raio de sol. Na sua attitude havia uma tal linha de graça hieratica, que n'aquelle silencio dos seus labios immoveis, eu pude até ouvir a mesma voz, em que havia a morbidez d'uma musica estranha, repetindo:

— Que no seu coração não sentia amor! O atilado chinês, surpreendendo a minha admiração, tomou-me o braço; e, ao entrarmos de novo na sala, perguntou-me triumpante, se n'alguuma religião eu conhecia Divindade que podesse ser comparada áquella.

Sorri-me então por meu tecto, affirmando-lhe que para as bandus do Occidente as virgens « Kouan-ki » se contavam ainda hoje aos milhares.

Todas solteiras! E atirei-me desdenhosamente com essas palavras, que até parece soar da mesma maneira em todas as linguas.

« Sün » riu franca e alegremente do meu exaggero, accrescentando philosophicamente:

— Pobres solteiras calunniadas. Vá com esta, amigo, não existe, não tem existido, uma só que não tenha no fundo do seu coração a ferida mal cicatrizada d'um amor não correspondido. Não, não existe mulher nenhuma como a nossa Virgem, e, se por ventura existisse, essa mulher seria de barro!

Hoje, quando por acaso vejo uma d'essas creaturas vulgares, que atravessam a vida com o coração inteiramente alheio a um fugitivo sonho d'amor, recordo-me indifferente e sem saudade, do ingenioso tempo em que as considerava humanas, e, como o sábio chinês, repito de mim para mim:

— São de barro e, o que é mais: ainda, d'este vil barro que cada dia envelhece...

BENEFICIO DE PINTURA.

NOTAS E IMPRESSÕES

A paisagem é a grande pintura religiosa do nosso século. Corot, Millet, Troyon, educam a alma, como um S. Chrysostomo ou um S. Francisco Xavier. O Angelus vale o Páas Sanctorum. E' que a Natureza é a ultima igreja, em que o nosso espirito, atormentado e sceptico, ajoelha ainda para rezar. Ha florestas titanicas, oceanos profundos e revoltos de verdura virgem e de alegria heroica, que, ao romper d'alva, sob a innocencia infinita, sob a benção de nupcias de um azul de maio, entoam rumorosa e silenciosamente não sei que Te-Deums gigantescos, a todas as vozes da Creação... Ah! que sermão resplandecente que se fazia, colligido por exemplo todos os sermões d'outono, que os cedros do Bussaco tam pregado do alto do seu pulpitio ha duzentos annos para cá! Que bellas orações, verdadeiramente sagradas, se d'esse quaresma pantheista!

Ha homens que são cachorros e que se fingem dammados, a ver se se tornam conhecidos. Hydrophobias de profusão.

O Rancor dormiu uma noite com a Cobardia. D'ahi a nove mezes nasceu a Perfidia. O Rancor tem dentes de leopardo e a Cobardia tem pernas de raposa. A filha sahio a ambos. Da dentada e desata a fugir.

Na lucta da vida quem não tiver o sentimento do comizo está morto, torna-se um grotesco. E' por isso que muitos homens de valor, publicamente, passam por idiotas.

Não comprehendendo a razão por que se fez do pelicano o symbolo do sacrificio.

Lembrei-me nos que o mesmo heroico pelicano, que dá a comer a prole as suas visceras, já tinha comido anteriormente, em pequeno, as visceras da mãe.

Não será antes o emblema tragico da expliação hereditaria?

GUERRA JUNQUEIRO.



A REVISTA DAS REVISTAS

ESTATÍSTICA ESCOLAR

EM 1882 havia em França (Argelia não comprehendida) 75.635 escolas. Em 1887, contavam-se 80.209 escolas, ou seja um augmento de 3.711 escolas publicas e 863 particulares.

O numero total dos professores ou professoras das escolas publicas e particulares, tambem comprehendidas as escolas maternae, era em 1881, de 136.390, — e em 1887 de 145.608, dos quaes 167.908 no ensino publico, e 42.000 no ensino particular.

Os alumnos matriculados formavam em 1882 um total de 5.341.211; e em 1887 elevavam-se ao numero de 5.526.305, ou sejam um augmento de 185.154 alumnos em cinco annos.

VARIÁÇÕES DA COMPOZIÇÃO DO TRIGO

Dois chimicos allemães trataram de estudar quaes eram as diversas composições do trigo segundo as differenças de estação e de clima. Analysaram com o maior escriptulo um grande numero de amostras de trigo das Indias, d'Inglaterra, da Russia e d'outras paizes, sobretudo com o fim de poderem determinar as proporções das materias azotadas e as do amido.

Por estas analyses concluíram que o trigo da Europa continha uma media de 13,9 por cento das primeiras substancias, enquanto que o trigo das Indias não continha senão 12,66 por cento.

Em geral, encontra-se uma maior proporção de materias albuminosas e de gluten nos grãos cujo maturação foi rapida; seria respectivamente de 13,97 e 18,98 por cento.

Quando a maturação se não faz no espaço de 130 dias, a proporção das materias reduz-se a 12,47 e a do gluten a 9,98 por cento.

Os pequenos grãos de trigo distinguem-se sempre por uma quantidade elevada de gluten, enquanto que os grossos são principalmente ricos em amido.

Resulta d'estes factos que uma colheita que amadureceu rapidamente, contém uma maior proporção de substancias nutritivas, do que a colheita cuja maturação foi retardada por qualquer causa.

Quando mais gluten tiver a farinha, mais a massa será espessa; assim como a farinha proveniente do trigo de maturação rapida fará um pão mais leve.

Para a cozedura do pão, a presença d'uma grande quantidade d'amido é importante, de sorte que o melhor pão será aquelle que se fizer com uma farinha de trigo de grossas grãos e que tiver amadurecido rapidamente.

Que meditem no assumpto os lavradores portugueses.

TSARINE — PÓ DE ARROZ RUSSO
Adianta, suaviza, incolor
Preparada por VIOLETT
28, Boul. des Capucines, PARIS

FERRO QUEVENNE Único aprovado pela ACADEMIA de MEDICINA de PARIS, contra: Anemia, Pobreza de Sangue, Finxo branco, perdas. **Leite e Soro da UNIAO DOS FABRICANTES - 14, rue de Beaux-Arts, PARIS e PHARM.** **50 ANOS de SUCESSO**

